



DOMINGOS DOS SANTOS DA SILVA BENGIO

**RESENHA CRÍTICA PARA AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA DE
PSICOLOGIA GERAL
PSICOLOGIAS – UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA PSICOLOGIA**

ENSAIO

Angola, Março de 2014

American World University
United States of America/ Distance Learning
Latin American Division

RC	1	X
RC	2	

Dados de Identificação do aluno e da obra

Nível Graduação Tradicional

Curso Filosofia

Disciplina Psicologia Geral

Aluno Domingos dos Santos S. Bengo

Matrícula LAD 4316

Título do Livro Psicologias – Uma Introdução ao estudo da psicologia

Autor(a) Ana M. B. Bock, Odair Furtado e Maria de Lourdes T. Teixeira

Editora Saraiva – Livreiros Editores, São Paulo, 2009 – 14ª ed.

Tipo de Obra Resenhada ----- Didático-Pedagógica

Data da Produção 11/11/2013 – 24/03/2014

Data da Recepção ___/___/___

Angola, Março de 2014

SOBRE OS AUTORES – MINI CURRICULUM



Ana Mercês Bahia Bock, é doutora em psicologia pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), professora titular de psicologia social da educação da PUC-SP e professora do programa de estudos pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP. Autora da obra *A perspectiva histórica da subjetividade – uma exigência para a psicologia atual*, ministrou conferências sobre: *Profissão do Psicólogo no Brasil*, *Psicologia e seu compromisso Social*, *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*, *Profissão e ética profissional*, dentre outros.



Odair Furtado, é doutor em Psicologia Social pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), professor associado de psicologia social da faculdade de psicologia da PUC-SP e professor do programa de estudos pós-graduados em psicologia social da PUC-SP.



Maria de Lourdes Trassi Teixeira, é psicanalista, doutora em serviço social pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), professora e supervisora da área de criança e adolescente da faculdade de psicologia da PUC-SP e coordenadora do programa de estudos pós-graduados *Adolescentes em conflito com a lei* da Uniban.

APRESENTAÇÃO

À semelhança da religião cristã, toda a ciência é, a bem dizer, uma-a-uma, e todas elas conjuntamente, maravilhosas criações filosóficas. E ela [a filosofia] orgulha-se delas [as ciências] na medida em que promovem a libertação do homem pelo conhecimento da verdade, liderando a elite da humanidade na sua marcha rumo à emancipação final de ignorância e erros milenares.

Dito isto, não referimo-nos à uma relação de Irmandade nem de Miscigenação, entre ciência e filosofia. Não, referimo-nos à uma relação de Maternidade, porém longe de qualquer concepção Tirana ou Matricida, como pretenderam alguns Iniciados à *Episteme*, no decurso da própria história.

Há de entre as ciências, uma que ainda carrega vestígios muito visíveis que denunciam seus vínculos familiares com a mãe. Essa ciência cujos precursores ainda revelam-se sagazes pensadores, capazes de construir conhecimento, e não perpetuadores de uma escola especializada em ordenar e classificar a realidade. Essa ciência, é a ciência Psicológica.

Há também, dentre os críticos, por um lado, aqueles que transformam a crítica especializada num aglomerado de elogios, se por solidariedade ou por falta de conhecimento multidisciplinar de ciências sociais, seus pressupostos e a mais perfeita formação estética, ignoramos, à obra apreciada, e de outro aqueles que, vítimas de pressupostos de carácter subjetivo, não conseguem separar o artista de sua arte. Ou melhor, o homem do artista, ou, a bem dizer, o criador de sua criação.

Com isto esclarecemos que nossa apreciação é da obra, e não de seus autores. Isto é, a crítica que nos propomos empreender neste ensaio refere-se à obra, ao texto, ao pensamento desses pensadores refletido na obra em abordagem, e não à eles em si. Que esta pretensão, este experimento próprio de quem já tenha alcançado certa maturidade intelectual, capaz de resistir à pressão opinativa de sua voz interior, de seu eu singular, sirva de exemplo, para quem realmente pretenda plantar uma árvore, ou pelo menos regar algumas plantinhas nos canteiros da Crítica Especializada.

Assim, ao longo da nossa narrativa utilizamos os termos Psicologias, Obra, Texto, e alguns outros mais que pudessem subentender o protagonismo dos autores, pois criticamos pensamentos e não pensadores.

Ademais, ensejamos ter o nosso texto julgado com o mesmo juízo com que julgamos a obra psicologias, de modo que não sejamos testados para além do que nos foi dado a suportar, e assim seja feita a justiça, e a Lógica dos juízos prevaleça sobre a Dialética das objeções.

INTRODUÇÃO

Um espectro ronda a terra – o espectro do eu subliminar. Todas as seitas da velha crença unem-se para conjurá-lo: a mãe e seus filhotes, os fundamentalistas da antiga aliança e os radicais dogmáticos da África.

Esses filhotes ignoram o vínculo sanguíneo que os mantém, muito inocentemente, fiel à progenitora. A reforma luterana não se consumou – não há protestantismo, numa palavra, sois todos filhos da santa igreja.

Primeiro pretendeu Platão que a ideia fosse superior ao corpo – amou o espírito, subjugou a carne. Aristóteles não pôde raciocinar para além dos limites imposto pelo mestre: Platão determinara o que anima, Aristóteles só precisava ordenar e classificá-lo.

Pobre filósofo! Objeta Voltaire – Vês uma planta que vegeta, e dizes vegetação, ou alma vegetativa. Notas que os corpos têm e comunicam movimento, e dizes força. Vês teu cão de caça aprender contigo teu ofício, e crias instinto, alma sensitiva. Tens ideias combinadas, e dizes espírito.

A Ideia de Platão é coroada – baptizada “anima”. A alma olha para o corpo com desdém. Um novo mundo floresce. O equilíbrio entre corpo e alma é anulado – o imaterial deve prevalecer sobre o material, numa palavra, a alma é superior ao corpo e o que é superior deve reinar sobre o que é inferior: *Mandatary*.

Os judeus adotam esse dogma; os cristãos irão santificá-lo. Imortal, substância pensante, porção do Divino, movedor movível, inato, livre, imaculado, enfim, numa palavra, toda uma teologia é criada em torno do eu subliminar. Genealogia da Alma – da infância à adolescência da psicologia.

Inicialmente, importa considerar que o tema Psicologias deve-se justamente à diversidade do universo da psicologia. Universo esse, cujo saber é fundamental para o aprendizado da ciência psicológica.

Assim, PSICOLOGIAS não é mais que uma introdução ao estudo da Psicologia, apresentada em seus vários aspetos: história, temas básicos, áreas de conhecimento, principais características da profissão, análises de temas cotidianos (vistos sob a ótica da Psicologia), e outros. Estudo esse que dessacraliza o universo da alma – historifica-o, humaniza-o. Ridiculariza qualquer processo de deificação do homem. Sugere, fidelidade a Terra.

Organização dos textos – capítulos divididos em quatro partes, a saber:

- **Parte I: A característica da Psicologia** – sua história, seu objeto de estudo, as principais teorias e a profissão de psicólogo. O estudo dessa parte oferece uma visão geral da Psicologia.

- **Parte II: Áreas de conhecimento da Psicologia** – analisa aspetos do processo de construção da subjetividade.
- **Parte III: Temas teóricos em Psicologia** – estão destacados alguns dos temas relevantes e presentes na maior parte das abordagens teóricas e áreas do conhecimento.
- **Parte IV: Psicologia: uma leitura da realidade** – leituras de fenómenos do mundo social a partir do olhar da Psicologia. O estudo dessa parte proporciona ao leitor uma visão crítica dos fenómenos sociais e, conseqüentemente, maior lucidez quanto à atuação presente e futura nos grupos sociais a que pertence.

O texto de cada capítulo está subdividido em seções a fim de permitir melhor compreensão e assimilação do conteúdo. Nos parágrafos iniciais, estimula-se e prepara-se o leitor para a exposição do conteúdo que vem a seguir. Cada capítulo é encerrado com seções de **síntese**, **texto complementar**, **atividades** e **para saber mais**.

Síntese: esta seção apresenta um roteiro com a finalidade de indicar os tópicos principais do conteúdo abordado no capítulo.

Texto complementar: Nesta seção, Incluiu-se um ou mais textos, extraídos de fontes diversas, que ampliam, retomam, enriquecem ou abordam, sob outro ângulo, o conteúdo do capítulo.

Atividades: Sugerida para o trabalho em grupos, em sala de aula. São propostas de atividades mais abertas, que motivam o debate de questões polêmicas, ou de interesse, geradas com a leitura do texto.

Para saber mais: Esta seção inclui a bibliografia básica sobre o assunto, de carácter introdutório; a bibliografia avançada, que permite o aprofundamento dos conteúdos abordados; e outros recursos como sugestões de filmes, *sítes* e outras fontes de informação que permitem a complementação do que está sendo estudado.

Tem-se muito claro que o livro didático é instrumento fundamental na mediação entre o professor e o aluno. Eles dialogam por meio do livro. Assim, em PSICOLOGIAS, a responsabilidade dos autores é grande, pois procuram cumprir a tarefa de dar qualidade a essa relação.

OBJETIVOS

- Relacionar a Psicologia a sua área profissional;
- Aplicar na prática, os conhecimentos da psicologia;
- Estabelecer o elo entre a disciplina (Psicologia) e a vida diária do aluno e futuro profissional.

ENFOQUES

- **ENFOQUE PRINCIPAL**

Enfoque didático-pedagógico

O enfoque principal da obra é didático-pedagógico, pois, antes de apresentarem a psicologia como instrumento de observação não descomprometida da realidade social e pessoal, os autores pretendem trazer o aluno e professor leitores, ao conhecimento geral e fundamental dessa ciência, Psicológica.

Esta abordagem tem fundamento nos dizeres dos próprios autores quando nos lembram que,

Este livro foi estruturado para adequar-se ao planejamento da disciplina. Os capítulos podem ser estudados em qualquer ordem, dependendo da prioridade estabelecida para o curso. É possível reunir, com grande proveito, capítulos de diferentes partes do livro sob um mesmo eixo.

Assim, por exemplo, se houver interesse em debater especificamente a adolescência e questões próprias dessa etapa da vida, pode-se iniciar o estudo do tema pelo capítulo “Psicologia do desenvolvimento” e, em seguida, passar para os capítulos “Sexualidade”, “Identidade”, “Adolescência” e “Escolha da profissão”. Como vemos, esta abordagem revela-se bastante didática e pedagógica.

ENFOQUES SECUNDÁRIOS

- **Enfoque Psicossociológico**

Quando grandes psicólogos, como é o caso de Ana M. B. Bock, Odair Furtado e Maria de Lurdes T. Teixeira, fazem a psicologia indagar-se se a aprendizagem é anterior ao desenvolvimento ou se o desenvolvimento é anterior a aprendizagem, sintetizamos sem hesitar – a aprendizagem é posterior ao desenvolvimento. Isto é, se formos rigorosos em nosso enunciado, poderemos então concluir que embora a aprendizagem de certas habilidades favoreça ao desenvolvimento de algum ponto do organismo, como é o caso da escrita e da leitura, por exemplo, que o seu aprendizado potencializa a ativação de certos pontos no cérebro, por assim dizer, que de outro modo não ocorreria, a aprendizagem permanece anterior ao desenvolvimento, pois, estas aprendizagens hipotéticas só foram possíveis devido ao desenvolvimento deste e daquele ponto do organismo, a bem dizer, sem o qual, nenhuma aprendizagem seria possível. Numa palavra, a consciência é posterior ao cérebro, e desta relação depende toda dependência do cogito em relação ao organismo, morada desse primeiro.

A aprendizagem não é nada mais que um processo de desenvolvimento progressivo de uma habilidade geneticamente possível. Só podemos ensinar e aprender partindo daquilo que a natureza nos dotou.

Concluimos; a aprendizagem consiste na manutenção e modificação de capacidades ou habilidades já possuídas pelo aprendiz. Por exemplo, na ocasião em que uma pessoa que está aprendendo a jogar tênis tem a força física para segurar a raquete, ela já desenvolveu a coordenação inata dos olhos com a mão, a ponto de ser capaz de bater na bola com a raquete. Na verdade, com a prática ela aprende a bater melhor na bola. Mas bater na bola com a raquete não é parte do aprendizado do jogo de tênis. Trata-se, ao contrário, de uma habilidade que o jogador possui antes de sua primeira lição e que é modificada na medida em que ela aprende o jogo. É o refinamento de uma habilidade já possuída pela pessoa. (Rubem Alves, *in* Filosofia da Ciência – Introdução ao jogo e suas regras. p. 9 *apud* David A. Dushki (org.). *Psychology Today – An Introduction*. p. 65).

Dito isto, tomemos por encerrado a discussão quanto a relação de sucessão ou de dependência entre aprendizagem e desenvolvimento, uma vez concluído que o desenvolvimento é necessário à aprendizagem.

Assim, temos fundamentado a epistemologia socio-genética, pois, é desta relação de desenvolvimento e aprendizagem que derivam, todos os elementos que constituem a consciência coletiva.

É, assim, preocupação dos autores a questão da subjetividade social. Pois constitui o sistema integral de configurações subjetivas dos grupos, que se articulam nos diferentes níveis da vida social.

Esta preocupação dos autores não é vã, é evidente que eles têm razão da influência que a consciência coletiva exerce sobre o indivíduo. Este posicionamento destemido, esta pretensão autoral de esclarecer a coerciva e libertadora relação entre sujeito e mundo, só possibilita duas conclusões:

- 1ª A subjetividade social é uma construção coletiva;
- 2ª O desdobramento das forças capazes de suprimir a sua coerção derivam do indivíduo.

A primeira aniquila o princípio da autoridade pragmática, que busca raízes de manutenção do domínio do indivíduo num costume cuja essência pressupõe um fundamento metafísico. A segunda, porém, introduz o sujeito à humana tarefa de fidelidade à terra: A terra é a casa do homem, a terra é a nossa casa! Nós amamos a nossa casa.

A abordagem psico-sociológica da obra encontra seu fundamento na psicologia sócio-histórica. A síntese dos autores é clara: a Psicologia Sócio-Histórica busca entender o ser humano e o seu mundo psíquico como construções históricas e sociais da humanidade. O mundo psíquico que temos hoje não foi e nem será sempre assim, pois sua

caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que temos hoje em certas sociedades modernas.

Assim, o fenómeno psicológico não pertence a uma natureza humana. Ao contrário, ele é pensado como algo que os humanos construíram como possibilidade devido a forma como nos inserimos e atuamos no mundo. Para a teoria, foi o trabalho – o responsável por essas transformações. E não só o trabalho como uso de instrumentos para a transformação, mas o fato de se dar em um coletivo de humanos. Instrumentos, trabalho, coletivo de humanos... eis aí a origem de tudo; Deus só existe na coletividade.

- **Enfoque sócio-político e religioso**

Três conclusões decorrem dessa abordagem:

1ª Há um compromisso entre a psicologia e as elites;

2ª A humanidade é uma conquista;

3ª A ruptura desse laço que atrela a psicologia às elites é necessária ao progresso da humanidade.

Numa palavra, apela-se à necessidade de humanização do homem, uma vez humanizada a natureza. Isto é, é hora de superar-se a si mesmo!

E então, Nietzsche faz Zaratustra falar assim ao povo:

“Eu vos anuncio o super-homem”.

O homem é superável. Que fizestes para o superar?

Até agora todos os homens têm apresentado alguma coisa superior a si mesmos; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, preferís tornar ao animal, em vez de superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Pois é o mesmo que deve ser o homem para o super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.

Percorrestes o caminho que medeia do verme ao homem, e ainda em vós resta mais macaco do que todos os macacos.

Mesmo o mais sábio de todos vós não passa de uma mistura híbrida de planta e de fantasma. Acaso vos disse eu que vos torneis planta ou fantasma?

Eu anuncio-vos o super-homem!

O super-homem é o sentido da terra. Diga a vossa vontade: seja o super-homem, o sentido da terra.

Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres.

São envenenadores, quer o saibam ou não.

São menosprezadores da vida, moribundos que estão, por sua vez, envenenados, seres de quem a terra se encontra fatigada.

Noutros tempos a alma olhava o corpo com desdém, e então nada havia superior a esse desdém: queria a alma um corpo fraco, horrível, consumido de fome! Julgava deste modo libertar-se dele e da terra.

Ó! Essa mesma alma era uma alma fraca, horrível e consumida, e para ela era um deleite a crueldade!

Irmãos meus, dissei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma, pobreza, imundície e conformidade lastimosa?

O homem é um rio turvo. É preciso ser um mar para, sem se toldar, receber um rio turvo.

Pois bem; eu vos anuncio o super-homem; é ele esse mar; nele se pode abismar o vosso grande menosprezo.

Porém eu vos digo: a busca do saber é uma ousadia. Um saber impessoal, forçoso; eis a medida da razão. De todos aqueles que as primeiras elites fizeram sucumbir, sobraram escombros; fragmentos de um desejo inconscientemente profundo de elevação: o homem é superável!

Quando as primeiras elites faziam sucumbir os pioneiros à rebeldia cognitiva, nasceram apologistas dessa mesma rebelião. Esses rebeldes, esses apologistas, essas criaturas destemidas – nem homens nem não-homens; eram a adolescência dos feiticeiros da contemporaneidade. Uma forma de superação do homem – não protótipos como os feiticeiros que precederam a modernidade... Eram já seres superiores. Para além do verme e do homem; contudo excepcionais ainda: o homem é superável.

No próprio discurso de Zaratustra camufla-se, ainda que de forma transfigurada, a chave da superação do homem. Não... Zaratustra é uma porta... Zaratustra é uma ponte... um portal... sim – Zaratustra é o profeta do próximo estágio da evolução humana.

O que compilou Psicologias não soube esconder sua cede de mudança. Não uma mudança conjuntural, leviana,... não – e sim uma mudança a partir do fundamento; tudo é histórico – proclama. Três seres compilaram Psicologias, três seres abrem caminhos para o progresso da humanidade.

Essa dimensão sociopolítica e religiosa da obra apresenta um cenário de conflito entre reacionários e revolucionários. A vitória é iminente, e evidente: Abaixo o reacionarismo descabido.

Somos forçados, porém, a pensar humanidade, antes de trilhar o caminho para seu progresso.

Promulgou-se a carta dos direitos humanos, fala-se em crimes contra a humanidade; sem que se tenham assimilados o que seja humanismo e humanidade.

A humanidade não é algo intrínseco ao ser de nossa espécie. Uma porção do Divino em nós ou uma herança natural que herdamos de nossos progenitores. Não, a humanidade como qualidade do que é humano – é uma conquista. Essa conquista milenar, transmitida de geração em geração através dos distintos modelos de mediação cultural, nem sempre penetra, assim mesmo, a bem dizer, todos os corações transfiguradamente humanos. Esta incapacidade de nossa espécie de ser humana deve-se a um simples fator, a saber: o não-ser homem.

Piaget e eu sintetizamos em uníssono, a grosso modo, a mesma sentença, “a criança explica o homem tanto quanto o homem explica a criança”. Assim, desde o nascimento a criança passa por todos os estágios de desenvolvimento experimentados pelo homem desde a barbárie até sua mais alta emancipação.

Sintetizamos: não nascemos homens, fazemo-nos homens, e o ser homem é a primeira condição de ser-se humano. Pois não há natureza humana, e sim condição humana.

Com isto aniquilamos qualquer sofisma, qualquer tentativa de neutralização do sujeito do conhecimento, qualquer pretensão, por mais ínfima que seja, de elevação de qualquer germe à condição mais sublime de nossa espécie – humanidade... humanoide... ubermensch.

Não negamos, porém, que a natureza nos tenha dotado dessa ou daquela configuração, quer genética quer neurológica, a grosso modo, ou então, não saberíamos reconhecer os limites e possibilidades por ela impostos.

Dito isto, resta-nos denunciar a pretensão dos autores de proclamar a independência da psicologia. Independência, digamos, na medida em que produz uma reflexão de si mesma e essa autocrítica a incite a questionar seus métodos, objetos e objetivos., alcançando um conhecimento de si mesma que se traduza na autonomia de uma ciência capaz de salvaguardar os desígnios da humanidade, obstando, assim, desígnios inferiores como os que não se adequam às divinas necessidades de adaptabilidade da sociedade humana rumo à sua elevação e garantindo, conseqüentemente sua sobrevivência.

PONTOS POSITIVOS DA OBRA

O estudo cínico e inocente dessa obra permitiu-nos chegar às seguintes considerações:

Primeira; a mediação simbólica não é uma característica ímpar da relação imediata do homem com a natureza, não, ela também ocorre ao nível cognitivo. Isto é, nós nos relacionamos com as coisas através de uma série de paradigmas que criamos em torno delas. Nenhum desses paradigmas é real, e por isso mesmo forçoso ou impessoal. Esses paradigmas são a expressão de um esforço intelectual singular cuja potência surge da assimilação da coletividade. Por isso mesmo, essa conveniência não constitui um trato social, uma vez que a sociedade é forçada a paradigmaticar esta ou aquela acção ou pensamento para sua própria manutenção e preservação. Ora esta pretensão é ilusória, uma vez que a coletividade, não poucas vezes, não tem consciência de seus limites e possibilidades, deixando-se então, como que – rebanhos, pastar por lobos solitários. Significamos o seguinte; se nós nos relacionamos com o mundo material de forma não direta, e sim mediada, o nosso pensamento, quer como produto quer como produtor desse mesmo mundo material não ocorre de forma direta, não mediada. Isto é, quando pensamos uma coisa pensámo-la através das características que com a experiência ou vivência fomos capazes de abstrair dessa mesma coisa, constituindo assim nossa estrutura mental sobre essa coisa. Um exemplo; só pensamos o vento porque temos experiência do vento.

Isto é, pensámo-lo mediante suas propriedades; como a capacidade de arremessar objetos, a briza em si, a bem dizer, os efeitos que provoca ao nosso corpo ao passar por ele, e outros mais, que nossa memória pôde registrar. Para ser mais claro em nossa especulação, podemos tomar a própria Ana por exemplo; só pensamos Ana mediante a experiência que temos dela, experiência que pode, aqui, ser entendida como vivência. Assim, pensamos Ana através ou mediante suas propriedades, pelo que esse pensamento não é direto, e sim mediado. Portanto, pensamos Ana mediante a imagem que temos de Ana, os pormenores dessa imagem, o conceito que temos de Ana, o testemunho de seus valores, virtudes e de seus defeitos. Contudo, somos capazes de adicionar e subtrair coisas à Ana, o que nos levaria a imaginar Ana e não pensar Ana.

Ademais, o caso de Ana e o caso do vento nos levam a refletir sobre nossas crenças em relação à essas propriedades que medeiam nosso comportamento para com Ana e para com o vento. Pois, se nossas verdades ou nossos conceitos sobre essas verdades forem equivocadas nossos pensamentos sobre as coisas, uma vez que só pensamos coisas, serão também equivocados, e nosso comportamento correlação às coisas que pensamos serão, da mesma sorte, equivocados.

Os casos supracitados forçam-nos também a questionar o fundamento de nossas crenças sobre as quais não temos experiência, e por isso mesmo não temos consciência,

e se não temos consciência desta ou daquela coisa, então esta e aquela coisa são impensáveis para nós, logo não nos induzem comportamento. A não ser, que imaginemos para si propriedades de modo a podermos pensar certas coisas. Porém essas propriedades não constituem um ente novo, e sim um ente criado à nossa imagem e semelhança, com todas as propriedades que já temos consciência, das quais podemos adicionar e subtrair outras em extremo, regular e extremo oposto; a título de exemplo, da experiência que temos de bondade podemos inferir suma bondade e suma maldade, se concluirmos que a ausência total de uma implicará a existência efetiva de seu extremo oposto.

Se ousarmos ser franco e mais claro ainda em nossa análise, podemos ver Deus emergindo dessa inferência que nossa mente é capaz de levar a bom porto, uma vez que não temos consciência de si. Ou seja - que experiência temos de Deus? Nenhuma, obviamente, a única coisa que nos resta fazer é imaginar alguma coisa superior a nós e atribuí-la todas as alusões do potencial humano ilimitado e do incognoscível. Assim, Deus, pode ser pensado como o potencial humano ilimitado. Contudo, temos uma imagem de perfeição Divina, no entanto, no referente a Deus é impensável para nós atribuir-lhe a totalidade da perfeição, como é o caso, por exemplo, da perfeita bondade e perfeita maldade. Como o nosso Deus é amor não pode conter a suma maldade, portanto, resta-nos criar um ente extremamente oposto e atribuir-lhe as responsabilidades de tudo que não represente o ideal platônico.

Eis o fundamento de toda a história do pensamento humano; o princípio do bem e o mal, do certo e o errado, do moral e o imoral.

O relevante nessa síntese, e obstante, positivo, é o fato de aqui evidenciar-se o fato de edificarmos, não o pensamento em si, mas a história do nosso pensamento em rochas inconsistentes e adorná-las com fábulas. Esta precariedade de nossa razão é o fundamento, no qual se firma toda a nossa pequenez. Por que nos iludirmos tanto? Somos covardes. Preferimos a ilusão de um mundo pronto e acabado ao trabalho de aceitar e edificar um mundo dinâmico e contraditório. Pior ainda, todas essas alegorias por nós criadas só nos apelam à negação da própria existência, através de um modelo de vida baseado na auto-deterioração de si e do outro, e do mundo, em detrimento de realidades alegóricas.

Segunda; numa abordagem geral não seria nenhum exagero afirmar que psicologias transcende a mera introdução ao estudo da psicologia, uma vez que pode dotar o professor e estudante leitores, e até mesmo o leitor estranho à estas duas categorias, que são o público-alvo principal da obra, de habilidades psicológicas que já lhe situem para além de um bom amigo ou amiga, na medida que consegue ver as realidades social e pessoal numa perspectiva distante daquela do senso comum.

Terceira; não se pode negar que ao reunir o pensamento das principais personagens que deram à psicologia sua responsabilidade social, desde Aristóteles, os autores

apresentam a psicologia como uma ciência contraditória. Porém, esta contrariedade que expressa cada vez mais o comprometimento da psicologia com a realidade social das distintas sociedades existentes, é, em parte, a manifestação do pensamento descomprometido ainda presente na própria ciência psicológica.

Outro ponto que mereceu nossa atenção é a reflexão que os autores fazem sobre as conclusões da psicologia. Vejamos:

A psicologia tem construído ideias que precisam ser superadas, com por exemplo: crianças não aprendem na escola porque não se esforçam ou porque têm pais que bebem e mães ausentes; as mães pobres não tratam adequadamente seus filhos porque não conhecem os saberes da psicologia; as pessoas não melhoram de vida porque não querem; os trabalhadores perdem suas mãos nas máquinas devido a impulsos incontroláveis que caracterizam sua relação com o trabalho; os jovens matam crianças com tiros porque têm natureza violenta e seus pais... E assim a psicologia vai explicando todas as questões sociais a partir de mecanismos naturais do mundo psíquico.

Com base nesse texto, extraído da obra de Ana Mercês B. Bock: *Psicologia e sua ideologia – 40 anos de compromisso com as elites*, os autores insistem em denunciar as incoerências da ciência psicológica:

É preciso trabalhar criticamente e inverter essas explicações. É preciso compreender as relações sociais e as formas de produção da vida como fatores responsáveis pela produção do mundo psicológico. É preciso incluímos o mundo cotidiano e o mundo cultural e social na produção e na compreensão do mundo psicológico. A psicologia precisa, para superar suas construções ideológicas, analisar todos os elementos que se constituem como determinantes do humano, sem isolar o mundo psíquico no interior do indivíduo, como natural, universal e dotado de força própria. A mudança nesta concepção permitirá a superação da ideologia presente na psicologia e consolidará um novo compromisso dos psicólogos e da psicologia com a sociedade, um compromisso de trabalho pela melhoria da qualidade de vida; um compromisso em nome dos direitos humanos e do fim das desigualdades sociais.

Por fim, importa deixar bem claro que uma narrativa dialógica, não poucas vezes, poética e muito bem ilustrada, garante à obra em abordagem, uma leitura divertida e

emocionante, pelo que é capaz de levar o leitor aos momentos exatos em que certos acontecimentos foram produzidos.

PONTOS NEGATIVOS DA OBRA

- **Sobre o Construtivismo**

Não poucas vezes, os autores fazem Lev Vygotsky negar a relação que sua psicologia tem com a psicologia de Jean Piaget e, por isso mesmo, ainda que implicitamente, com a psicologia de Henry Wallon. Ora, o fim desta objeção – ignoro, entretanto, é seguro afirmar, em contrapartida, que quer Vygotsky, quer Piaget, quer Wallon partilhavam uma visão comum: tudo é histórico; epistemologia genética/teoria sócio-histórica. Eis o fundamento do construtivismo. Assim, vale admitir que não existe aqui nenhuma divergência entre o pensamento de Vygotsky e o pensamento de Piaget. A única barreira entre seus pensamentos seria, no caso, o tipo de mediação que utilizam, uma vez que ambos se revelam construtivistas e, por isso mesmo interacionistas. Isto é, se Piaget usa a Acção como mediação da interação entre o organismo e o ambiente – Vygotsky, por sua vez valoriza a mediação pela cultura. Quanto a Wallon, a grosso modo, é irrelevante discuti-lo qui.

Assim, quer a psicologia sócio-histórica de Vygotsky quer a epistemologia genética de Piaget, aparecem simplesmente como caminhos mediante os quais o construtivismo é sustentado.

Eis, em parte, o que Psicologias faz Vygotsky significar:

“Piaget é um construtivista, mas Vygotsky não – declaram os autores com unanimidade.” Então fazem Newton Duarte fundamentar-lhes a objeção. Eis que Duarte evoca sua teoria sobre Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky, de 2007:

Um dos grandes objetivos de Vygotsky foi justamente o de superar o modelo biológico de desenvolvimento humano, e construir uma psicologia fundada na concepção marxista, portanto, histórico-social do homem. Na psicologia marxista de Vygotsky e seus seguidores está a concepção de que a ontogênese humana não pode ser explicada através da relação biológica entre organismo e meio. A questão que não pode ser esquecida é a de que o modelo biológico de interação entre organismo e meio implica as noções de adaptação e equilíbrio na relação do organismo com o meio

ambiente (sem que o organismo não sobrevive). O modelo de interação entre organismo e meio não possibilita a compreensão da relação histórico-social entre objetivação e apropriação, que caracteriza a especificidade do desenvolvimento humano (...).

Portanto, não se pode inferir desta declaração sentenças que rompam a comunhão existente entre a psicologia de Vygotsky e a de Piaget. Sendo que muito particularmente, entre o materialismo dialético de Vygotsky e a teoria genética do desenvolvimento de Piaget, só vemos verossimilhança e Complementaridade. Pois, Só o estudo unívoco dessas três psicologias [incluímos aqui a psicologia de Henry Wallon] pode justificar a teoria construtivista, e nunca sua análise isoladamente.

Ademais, vale ressaltar que no tangente ao construtivismo, a teoria de Piaget é necessária à teoria de Vygotsky tanto quanto a teoria de Vygotsky é necessária à teoria de Piaget. Dito isto, é seguro concluir que ambos são construtivistas; e por isso mesmo interacionistas, por valorizarem a mediação e a ontogênese. Portanto, não se pode dizer que Vygotsky e Piaget cultivavam pensamentos profundamente divergentes, e consolidar nessa divergência a necessidade de se estudar ambos – não, de modo algum, a única justificativa para o estudo saudável de ambos, seria, no caso, a própria complementaridade. Pois, o construtivismo requer o estudo integral de todos os principais construtivistas, a bem dizer, de modo a se conseguir uma visão geral e aberta da psicologia do desenvolvimento e poder, assim, inferir, novas sentenças, para a manutenção e progresso da humanidade.

CONCLUSÃO

É regozijador testemunhar que o pensamento crítico ainda está presente na ciência, pelo menos em parte. Este pensamento descomprometido resulta no conhecimento que temos de nós mesmos e de nossa capacidade de conhecer, condição necessária ao conhecimento do mundo.

Ora, na contemporaneidade são raros os psicólogos que ainda cultivam essa atitude psicológica, por assim dizer, uma vez que partem da herança psicológica como algo pronto, perfeito e acabado, depreciando, então a doutrina da contrariedade, que é, em si fundamental. Isto é; quando levamos alguém a buscar a raiz de certo trauma, é preferível, ter confrontado, já em ambiente acadêmico, por exemplo, duas técnicas: a hipnose e a introspeção, ao invés de simplesmente tomar uma delas como ideal e doutriná-la como se não houvesse outras alternativas.

Esta tendência, porém, encontra um obstáculo em psicologias, que pretende ser o alicerce de uma reforma ou até mesmo de uma revolução no universo da psicologia. Está pretensão é necessária, uma vez que suas consequências consolidam o compromisso da psicologia com a sociedade, sociedade humana – *Mankind*; e não um mero coletivo elitista ou raleísta.

Nisto, a obra resenhada alcança a plenitude dos objetivos preconizados.

Este ganho é já uma porta, ainda que fechada, um caminho seguro para o progresso da humanidade, uma vez que esta não sabe andar às cegas. De resto, é quase que forçoso, que cada um, seja professor, seja aluno, seja quem for, possa abstrair dessa obra as ferramentas necessárias para melhor vivenciar seus relacionamentos tanto pessoais como profissionais, e ser, assim, um cidadão mais apto e útil para a vida em sociedade.

A construção social do suicídio não pôde passar despercebido, pois ao responsabilizar a sociedade por fenômenos que ainda são comumente pensados como fatos intrínsecos ao organismo, psicologias sugere às sociedades a verificarem a forma como se constituem e a encararem o suicídio como consequência do seu fracasso como entidade responsável pelos desígnios de cada indivíduo em particular e do coletivo em geral.

Tudo é histórico! – Proclama Psicologias. E, com isto, fica a ideia de que compreender os fatos sociais como produção de coletivo de indivíduos, e nunca de indivíduos em si, é compreender a historicidade desses mesmos fatos, é observá-los mediante sua dimensão histórica, e daí erigir soluções terrenas para problemas terrenos.

Que mais se pode dizer!

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

Nome do aluno: Domingos dos Santos S. Bengo

LAD 4316

Correio eletrónico:

domingosbengo90@gmail.com

Domingos dos Santos da Silva Bengo

Domingos Bengo